

O Discurso Decolonial de Re-existência: Análise Psicossocial da Música “Vila Rica” e o Colonialismo Brasileiro

Iani Iasmin de Sousa Trajano

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

iani.trajano@aluno.unifametro.edu.br

Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Movimentos Sociais, Conflito e Direitos Humanos.

Área de Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Encontro Científico: XII Encontro de Iniciação à Pesquisa.

RESUMO

Introdução: A formação do Brasil está enraizada em um passado colonial que ainda influencia suas estruturas sociais. Esse processo, descrito por Aníbal Quijano como "colonialidade", revela como o poder colonial se manteve ao longo do tempo. A música "Vila Rica" de Don L reconta essa história sob a perspectiva dos oprimidos, criticando estruturas de poder e religião como instrumento de dominação. **Objetivo:** Analisar as implicações da narrativa decolonial da música "Vila Rica", como resistência cultural, na produção de subjetividades brasileiras, por meio da ressignificação de memórias coletivas. **Métodos:** Adotando uma abordagem qualitativa, realizou-se uma análise de discurso da música "Vila Rica", de Don L. Teve quatro etapas: identificação de temas, classificação, interpretação e conexão com as obras dos autores Sívila Lane e Aníbal Quijano. **Resultados:** A análise da música evidencia como sua narrativa decolonial ressignifica memórias coletivas ao articular criticamente elementos que refletem a resistência à colonialidade. Ao criticar estruturas de poder e uso da religião como controle, a música contribui para construção de novas subjetividades, pois conecta a Revolta da Vila Rica a atualidade. Portanto, a obra estimula reflexões sobre identidade e autonomia, e promove conscientização das dinâmicas opressivas que perduram. **Considerações finais:** A música reinterpreta a história colonial ao oferecer uma narrativa alternativa que desafia as versões oficiais e coloca a perspectiva dos oprimidos em destaque. Ela critica a opressão colonial e o papel da religião como ferramenta de controle, reconfigurando a memória histórica e evidenciando a exploração e o apagamento cultural.

Palavras-chave: Colonialismo; Decolonialidade; Vila Rica.

INTRODUÇÃO

A formação do Brasil enquanto nação está profundamente enraizada em um passado de exploração e dominação, cujas marcas ainda persistem nas estruturas sociais, culturais e políticas do país. Desde o período colonial, as dinâmicas de poder estabelecidas pela colonização continuam a influenciar a sociedade contemporânea, um fenômeno que Aníbal

Quijano descreve como "colonialidade". De acordo com Quijano, a globalização atual é, em grande parte, a culminação de um processo iniciado com a constituição do capitalismo colonial e da classificação social da população mundial com base na ideia de raça. Dessa forma, essa construção mental, que expressa a dominação colonial, permeia as principais dimensões do poder mundial, incluindo o eurocentrismo, e permanece como um elemento central na estrutura de poder hegemônica atual (Quijano, 2005).

Essa continuidade do colonialismo para a colonialidade revela como as relações de poder, estabelecidas durante a colonização, não foram completamente desfeitas, mas se transformaram e adaptaram ao longo do tempo. A colonialidade não é uma relíquia do passado, mas uma estrutura ativa que molda a organização das sociedades e a percepção dos indivíduos sobre o mundo. Neste sentido, a análise decolonial não se restringe à crítica ao colonialismo em si, mas à sua continuidade sob novas formas. É nesse ponto que a decolonialidade, enquanto movimento de resistência, torna-se essencial para compreender e transformar as relações de poder atuais. Santos e Meneses (2010) argumentam que a luta contra a exploração e dominação deve ser também uma luta pela destruição da colonialidade do poder. Para eles, o engajamento nessa luta não é apenas sobre justiça social, mas também sobre a busca por justiça cognitiva, que passa pela desconstrução das narrativas hegemônicas impostas pelo colonialismo. É nesse cenário que a Psicologia Social Brasileira oferece uma perspectiva crítica para entender como essas estruturas afetam as subjetividades e as representações sociais.

Silvia Lane destaca a importância do contexto social e histórico na formação das subjetividades, apontando que a linguagem exerce um papel fundamental ao mediar a nossa relação com o mundo. É através da linguagem que elaboramos representações sociais que descrevem, explicam e validam a realidade de acordo com o grupo social ao qual pertencemos (Lane, 1994). Esse processo é crucial para entender como as narrativas de resistência e identidade são construídas e perpetuadas, especialmente em um lugar marcado pela colonialidade. Nesse contexto, a memória histórica desempenha um papel central, pois permite que grupos sociais resgatem e reconstruam o passado de forma ativa, em um processo social e cultural contínuo.

A memória é vista como um fenômeno socialmente construído, não sendo meramente uma reprodução das experiências passadas, mas sim uma construção que reflete a realidade presente (Sá, 2012). Além disso, a memória histórica, conforme descrita por Celso Pereira de Sá, envolve tanto memórias coletivas quanto pessoais, e sua construção ocorre através de

diferentes fontes, incluindo relatos orais, documentais e produções artísticas. Esse processo é essencial para a transformação social, pois as lembranças coletivas que são transmitidas e institucionalizadas pelos grupos sociais desempenham um papel fundamental na forma como essas memórias são preservadas e reconfiguradas (Sá, 2012). Dessa maneira, as memórias históricas não apenas narram o passado, mas também ajudam a construir novas realidades e a moldar o futuro.

Nesse contexto, a música "Vila Rica", do compositor e cantor Don L, emerge como uma forma contemporânea de resistência cultural que critica essas dinâmicas de dominação. Através de sua letra, ele resgata eventos históricos como a revolta contra a derrama em Minas Gerais, e usa a música para questionar as estruturas de poder colonial e suas manifestações modernas. A instrumentalização da religião pelos colonizadores, usada para legitimar a opressão e a exploração também é criticada, questionando a relação entre religião e poder, o que evidencia como a religião, muitas vezes, serviu para manter essas estruturas e justificar a dominação (Quijano, 2005), ao mesmo tempo em que reivindica uma visão mais justa e solidária da figura de Jesus. Portanto, a obra não apenas remonta a um passado de resistência, mas também articula uma crítica às formas atuais de exploração e opressão, e destaca como as injustiças do passado continuam a ecoar na sociedade brasileira contemporânea. Nesse sentido, a música é uma maneira de recontar a história sob a perspectiva dos oprimidos, desafiando as narrativas oficiais e oferecendo uma crítica às estruturas de poder. Portanto, é um movimento decolonial que contribui para a resignificação das memórias históricas e a construção de novas formas de entendimento, resistência e libertação.

Explorar o impacto das manifestações artísticas na formação de subjetividades e representações sociais é crucial, pois essas expressões frequentemente refletem e reforçam as lutas e aspirações dos grupos sociais. No caso da música "Vila Rica", a análise de sua letra oferece uma compreensão aprofundada sobre como narrativas artísticas resignificam o passado colonial e criam novas formas de resistência e identidade. Além disso, examinar a relação entre arte, história e poder ajuda a destacar a importância das narrativas alternativas que desafiam versões dominantes e fomentam uma reflexão crítica sobre justiça e identidade no Brasil contemporâneo.

O estudo de obras como "Vila Rica" ultrapassa a apreciação estética, inserindo-se na discussão sobre a produção de subjetividades e o papel da arte na transformação social, pois ao dar voz aos historicamente silenciados, ela torna-se uma ferramenta de resistência contra as

estruturas opressivas, o que reflete seu impacto cultural e social no contexto de uma memória colonial ainda presente.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as implicações da narrativa decolonial da música "Vila Rica", como resistência cultural, na produção de subjetividades brasileiras, por meio da ressignificação de memórias coletivas. Para isso, toma-se como objetivos específicos: analisar como a canção usa a narrativa decolonial para desafiar as construções hegemônicas do passado colonial e contribuir para a ressignificação das memórias coletivas; examinar as influências do colonialismo na memória coletiva brasileira e como a composição reinterpreta essas memórias; investigar o papel da obra na produção de subjetividades e representações sociais, e seu impacto na resistência às estruturas de poder da colonialidade.

METODOLOGIA

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa por meio da análise de discurso para investigar a música "Vila Rica", de Don L, com foco na letra como principal objeto de estudo. A abordagem qualitativa foi escolhida por sua capacidade de explorar fenômenos sociais complexos e contextuais, o que proporciona uma compreensão mais profunda das narrativas e significados. Além disso, a música foi selecionada por sua relevância nos temas de colonialismo, resistência e identidade.

A letra foi analisada em quatro etapas: identificação dos temas centrais; classificação e interpretação dos discursos; e conexão com a Psicologia Social Brasileira. A interpretação foi fundamentada nas teorias de Silvia Lane, quanto à psicologia Sócio-Histórica, e Aníbal Quijano, quanto à persistência da colonialidade. Por fim, os discursos da música foram conectados às contribuições da Psicologia Social Brasileira, evidenciando a produção de subjetividades e a resistência às estruturas de poder hegemônicas. A análise tratou a música não apenas como produto cultural, mas como ferramenta de resistência e reconstrução identitária, pois oferece uma releitura crítica da história brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A música "Vila Rica" oferece uma rica fonte para analisar as dinâmicas de resistência e opressão sob uma perspectiva teórica. A Revolta da Vila Rica, ocorrida em 1720, foi um importante levante contra a exploração colonial portuguesa no Brasil e surgiu em resposta ao excessivo controle sobre a produção de ouro e à imposição de tributos. Este cenário é crucial para entender a representação da resistência na música de Don L, que ressoa com os sentimentos de insatisfação e luta presentes na revolta.

A letra não apenas retrata uma realidade histórica, mas também atua como um agente de transformação social, e ao conscientizar e incentivar a resistência contra a opressão colonial, a música se alinha com a teoria de Lane (1994), que sugere que a linguagem e as representações sociais moldam nossa compreensão da realidade e nossas ações. Portanto, o músico usa a narrativa da resistência para reverter as injustiças históricas e reivindicar autonomia e dignidade. Os versos "Na trilha pra Vila Rica / A tomar todo o ouro que eu preciso / Saquear engenhos no caminho / Matar os soldados do rei gringo / E nunca poupar um sertanista / É disso que eu chamo cobrar o quinto" expressam uma resistência ativa contra a opressão colonial. A ação de "saquear engenhos" e "matar os soldados do rei gringo" é uma crítica direta à estrutura de poder colonial, o que reflete uma tentativa de recuperar a autonomia e reescrever a narrativa imposta pelos colonizadores. Além disso, a música faz um paralelo entre a Revolta de Vila Rica e as lutas contemporâneas, utilizando o evento como metáfora para a resistência às estruturas de poder que ainda perduram. Os "soldados do rei gringo" na letra não são apenas uma referência histórica, mas também representam desafios modernos que continuam a oprimir e a controlar. Segundo Lane (1994), a identidade social e os papéis são moldados pelas condições históricas e sociais, e a resistência apresentada na música pode ser vista como uma tentativa de subverter essas condições e buscar um novo papel social.

Quijano (2005) discute que a globalização atual é uma continuação do processo colonial, onde a exploração e a classificação social baseada em raça são persistentes. Logo, a referência à tomada de ouro e à cobrança do quinto podem simbolizar uma tentativa de reverter a exploração colonial e reivindicar uma parte dos recursos historicamente usurpados pelos colonizadores.

A música também faz uma crítica contundente à utilização da religião pela coroa portuguesa como forma de controle e exploração. Os versos "Depois do massacre ergueram catedrais / Uma capela em cada povoado / Como se a questão fosse guerra ou paz / Mas sempre foi guerra ou ser devorado / Devoto catequizado / Crucificar em nome do crucificado" criticam a instrumentalização da religião para legitimar a opressão e a exploração colonial. Segundo Leonardo Boff (2010), a religião muitas vezes é usada para manter as estruturas de poder e justificar a dominação. A crítica de Don L se aprofunda ao associar o verdadeiro deus dos opressores ao capitalismo e à exploração: "Seu Deus é o tal metal, é o capital / É terra banhada a sangue escravizado". Esses versos articulam a crítica ao capitalismo como a verdadeira divindade dos colonizadores, substituindo a figura tradicional de Deus por um

culto ao capital e à exploração. A afirmação de que o verdadeiro "Deus" dos colonizadores é o capital reflete a crítica de Quijano (2005) que argumenta que a escravidão e a servidão dos povos colonizados foram organizadas para servir aos interesses do capitalismo global, despojando-os de suas identidades e heranças culturais em favor da produção mercantil para o mercado mundial. De acordo com Quijano (2005), todas as formas de controle do trabalho e da subjetividade foram articuladas em torno do capital e do mercado global, resultando na configuração de uma ordem cultural dominante que silenciou e subordinou as culturas locais.

A crítica ainda abrange o apagamento cultural imposto pelo colonialismo. Quijano (2005) explica que a incorporação das diversas histórias culturais em uma ordem dominada pela Europa resultou na expropriação das populações colonizadas de suas heranças culturais e intelectuais, impondo uma nova identidade racial e cultural que perpetuou a desigualdade. Essa repressão e a imposição de uma cultura única global em torno da hegemonia europeia visaram a erradicação das práticas culturais locais e a manutenção do controle sobre as populações colonizadas. (Quijano, 2005).

Por outro lado, a música sugere que a religião pode ser vista tanto como uma ferramenta de controle quanto como um instrumento de resistência. A reivindicação de que "Jesus não estaria do seu lado / Faria mais sentido estar comigo / Jesus não estaria do seu lado / Faria e faz comigo a justiça" apresenta Jesus não como aliado dos opressores, mas como símbolo de justiça e solidariedade para os oprimidos. Lane (1994) aponta que as representações sociais são moldadas por práticas e ideologias dominantes, e a música oferece uma forma de questionar e reverter essas representações, destacando a dissonância entre a prática religiosa dominante e o verdadeiro espírito de justiça.

Nos versos finais da música, "E se o sangue da minha guarnição deixar o chão vermelho / Cidades crescerão em cima de mil cemitérios / Que renascerão em guerras até que se cobre o preço," o "sangue" pode simbolizar o custo da resistência, enquanto as "cidades crescerão em cima de mil cemitérios" evocam a ideia de que a opressão histórica é perpetuada e que as novas estruturas de poder emergem sobre o sofrimento e a violência passados. Isso pode ser interpretado à luz das teorias de Quijano (2005), que argumenta que o padrão de poder global é uma extensão da lógica colonial, onde a dominação e a exploração são contínuas e transformam o cenário global, o que mantém a estrutura de opressão e a subalternidade.

Portanto, a análise dos versos da música "Vila Rica" revela que ela serve como um veículo para a resistência social e política, e oferece uma visão decolonial ao desafiar as narrativas dominantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises revelam que a música "Vila Rica" de Don L atua como um movimento decolonial, pois oferece uma narrativa que desafia as versões oficiais. Através de uma crítica contundente à opressão colonial e ao papel instrumentalizado da religião, a música não apenas reflete, mas também reconfigura a memória histórica, demarcando os oprimidos como centro do discurso. Ela denuncia a exploração e a repressão cultural, evidenciando como a história foi moldada em benefício dos dominadores. Ao abordar temas como resistência ativa e apagamento cultural, a música contribui para uma conscientização crítica e para o debate sobre justiça histórica e social. Portanto, como um agente de transformação social, "Vila Rica" não apenas reflete a resistência, mas também promove uma reconfiguração das narrativas hegemônicas em um contexto decolonial.

Entretanto, o estudo enfrenta limitações ao não poder explorar todas as nuances culturais e históricas relacionadas à música e à Revolta da Vila Rica. Futuras pesquisas podem expandir a análise para incluir outros aspectos culturais e sociais, bem como explorar diferentes interpretações e impactos da música em diversos contextos. A música "Vila Rica" continua a ser um poderoso veículo para desafiar narrativas hegemônicas, e oferece outras perspectivas sobre a resistência e a identidade cultural.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo; BOFF Clovis, **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E.(org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.
- LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Boaventura; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010.
- SÁ, C. P. **A memória histórica numa perspectiva psicossocial**. Morpheus, v. 9, p. 91-100, 2012.